

15/08/2016 - 05:00

Desafios do comércio internacional

Por **Roberto Azevêdo**

Quando a crise financeira de 2008-2009 atingiu a economia global, um dos grandes temores era de que os governos viessem a fazer uso das práticas protecionistas dos anos 30, agravando a recessão. Felizmente isso não ocorreu. Os membros da Organização Mundial do Comércio (OMC) evitaram adotar barreiras comerciais que poderiam tornar ainda mais difícil uma situação já bem complicada. As regras da OMC - com seus mecanismos de transparência, monitoramento e até sanções em casos de litígios - ajudaram a evitar uma nova onda de protecionismo.

No entanto, no pós-crise, barreiras comerciais vêm sendo gradualmente introduzidas. A situação ainda não é dramática mas, em vários países importantes, cresce uma percepção negativa sobre o comércio e os membros da OMC precisam estar atentos às pressões protecionistas.

Em 2009, a OMC começou a monitorar as políticas comerciais dos países do G-20. Desde então, os países do grupo aplicaram um total de 1.583 medidas restritivas ao comércio. Tais medidas - como o aumento de tarifas ou a aplicação de barreiras não tarifárias - cobrem mais de 6% do total das importações do G-20 e 5% das importações globais. Na década de 30, por outro lado, a retração do comércio chegou a ser de quase 70%. O problema atual certamente não tem a dimensão daquele experimentado na primeira metade do século passado.

O ceticismo com o comércio cresceu na esteira do fortalecimento do discurso populista. Precisamos mudar a narrativa. O comércio criou prosperidade em países desenvolvidos e resgatou milhões de pessoas da pobreza em países em desenvolvimento

No entanto, vale lembrar que, uma vez protegida da competição externa, a indústria doméstica resiste à eliminação das novas barreiras de proteção. Das 1.583 medidas adotadas desde 2008, apenas 387 (24%) foram removidas. Pior ainda: no período mais recente, entre outubro de 2015 e meados de maio de 2016, os membros do G-20 adotaram 145 novas medidas restritivas ao comércio. Em média, foram 21 medidas por mês - o número mais alto desde que começamos a fazer o levantamento. Essa tendência foi confirmada por recente relatório da OMC que analisa um grupo ainda mais amplo de países.

A última coisa de que precisamos neste momento é de mais medidas restritivas ao comércio. O crescimento da economia global continua lento e o comércio internacional registrou uma expansão modesta -- de 2,8% -- em 2015. Se nossas projeções estiverem corretas, 2016 será o quinto ano consecutivo em que o crescimento do comércio global será inferior a 3% - em contraste com o patamar de 5% que prevaleceu nas décadas que precederam a crise.

Essa situação é ainda mais grave se vista à luz de certas correntes de pensamento em mercados importantes. O comércio tem sido apontado por alguns como o grande vilão por trás do desemprego e da estagnação econômica. No entanto, os dados demonstram que, na expressiva maioria dos casos, a eliminação de postos de trabalho está associada a novas tecnologias e ganhos de eficiência - e não ao comércio internacional.

O comércio aumenta a produtividade e traz inovações para a cadeia produtiva; permite ao consumidor maior variedade de escolha de bens e serviços, oferecidos a preços mais baixos. O comércio alavanca a expansão econômica e cria empregos, e não só em setores que exportam e importam.

Ao mesmo tempo, precisamos reconhecer que, por mais que o comércio traga grandes benefícios à economia de forma geral, alguns setores são prejudicados pelo aumento da competição provocada pelo produto ou serviço importado. Os



benefícios do comércio para o conjunto da sociedade não servem de consolo para os empregados de uma fábrica que faliu, sem condições de competir.

Ainda assim, fechar as portas para o comércio não é a solução. Economistas concordam que erguer barreiras entre mercados só piora a situação. O que precisamos são políticas domésticas que preparem a população para trabalhar numa economia moderna e global, o que significa alocar mais recursos para educação, treinamento e redes de segurança social.

Além disso, precisamos fazer com que o comércio seja mais dinâmico, mais inclusivo e contribua de forma mais direta para o crescimento global. Os membros da OMC certamente têm uma contribuição a dar, por exemplo deixando de aplicar novas medidas restritivas ao comércio e removendo as já existentes. Além disso, precisam evitar medidas que distorçam o mercado, como subsídios a certos setores. O protecionismo é contagioso e provoca efeito dominó. A proteção hoje concedida a um determinado setor representará a perda de mercado para outro setor amanhã.

A melhor garantia que temos contra esse ciclo vicioso é um sistema multilateral de comércio robusto. Precisamos continuar fortalecendo esse sistema. O Acordo de Facilitação do Comércio serve de exemplo. Uma vez implementado, esse Acordo vai gerar uma redução de 14,5% em média nos custos comerciais, o que pode alavancar as exportações dos países em desenvolvimento em cerca de US\$ 730 bilhões por ano.

O debate sobre o comércio infelizmente tomou um rumo perigoso. O argumento que vende bem ganhou terreno: protecionistas e desleais são os outros. O ceticismo com o comércio cresceu na esteira da estagnação econômica e do fortalecimento do discurso populista. Precisamos mudar a narrativa. A verdade é que o comércio ajudou a criar prosperidade em países desenvolvidos e, nos últimos anos, contribuiu para resgatar milhões de pessoas da pobreza em países em desenvolvimento. Facilitou a inovação e aproximou países. Mais que nunca, é importante lembrar o valor do comércio, evitar a tentação de erguer novas barreiras econômicas e redobrar os esforços para que o comércio beneficie a todos.

Roberto Azevêdo é diretor geral da Organização Mundial do Comércio Twitter: @WTODGAzevedo